

GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Anselmo Xavier, Antonio Furtado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphin, Fernando Leal, Gomes Leal, G. Benevides, J. M. Latino Coelho, José J. Nunes, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 3

1882

1.º anno

DR. ANSELMO XAVIER.

Cursámos juntos a faculdade de direito na Universidade de Coimbra.

Conheço-o bem. Poderei fallar d'elle com consciencia.

**

Em Coimbra os estudantes costumam reunir-se aos grupos de tres, de quatro, ás vezes de mais; alugam depois uma casa, tomam uma servente e fazem juntos um *menage*, ou uma bohemia, para melhor dizer. Quasi sempre se agrupam os da mesma terra, os parentes, os conhecidos de ha muito.

Os quatro companheiros que viveram por bastante tempo na casa do largo de S. João, não se achavam n'estas condições. Anselmo Xavier, Magalhães Lima, Pinheiro Torres e o auctor d'estes apontamentos biographicos só se conheceram nas aulas que frequentavam juntos; e sympathisaram logo entre si até ao ponto de desejarem viver reunidos.

Os leitores só não conhecerão, talvez, o Alves Pinheiro Torres. E' um moço muito intelligente, bacharel formado em direito, possuidor de uma bella fortuna, e vive n'um canto da provincia, que eu não poderei explicar aonde fica senão repetindo ao leitor o que ponho nas cartas quando lhe escrevo: — Porto a Barrosas, Raymonda. — É tambem republicano o Alves Pinheiro Torres.

**

Mas vamos ao Anselmo Xavier e á casa do largo de S. João.



DR. ANSELMO XAVIER

A casa em questão tinha tres andares e nós occupavamol-a toda. Não vão imaginar que era propriamente um palacio. Em Coimbra ha predios de cinco andares, que só tem cinco casas. A do largo de S. João era quasi n'estes termos. Primeiro andar: uma casa

com duas janellas, dividida ao meio por umas taboas ao alto. N'estes dois compartimentos viviamos eu e o Magalhães Lima. Magalhães Lima, o orador academico, o auctor dos *Padres e Reis* (já n'esse tempo odiava essas duas especies de farçantes), era o meu companheiro de estudo. Segundo andar: Anselmo Xavier e Pinheiro Torres. Terceiro andar: cozinha e casa de jantar. Já veem pois que não tinha muito de palacio a nossa casa do largo de S. João. O compartimento de Magalhães Lima era bastante curioso. Do tamanho da minha algibeira, mobilado com uma cama, uma mesa de pinho, um lavatorio de ferro, com a bacia e o jarro estrompados, as paredes cobertas com prospectos de jornaes, um retrato de Proudhon e outro de Mirabeau; tudo fazia adivinhar do que revolucionario aquelle cubiculo! Alli se reuniam jornalistas, litteratos, poetas, que vinham discutir com o Magalhães Lima. E que discussões! Duravão até alta noite. E eu, que tinha o meu leito do lado de lá do tabique, sem poder dormir! Encerrei

muitas vezes a sessão, batendo murros nas taboas e descompondo os poetas!

O quarto do Anselmo era mais bem mobilado; até havia um piano! Fazia-se lá musica e jogava-se o boston nas vespersas de feriados. Juntavam-se muitos, vinte e mais, sentavam-se

por cima da cama, no piano, onde achavam. A nossa casa era o rendez-vous dos condiscipulos e contemporaneos. Musica, jogo e litteratura! Que mais queriam?

Anselmo Xavier era por nós considerado como uma boa intelligencia e uma vontade de ferro. O que elle promettia fazia-o atravez de todas as difficuldades. O caso era apanhar-lhe a palavra. Podia contar-se com elle. Em Coimbra prestou grandes serviços, como director do Club Academico; já allí se revelava um independente, fazendo só o que a sua consciencia lhe dictava. Não havia forças humanas capazes de o desviarem do caminho que elle a si mesmo traçara. Formou-se em direito no anno de 1875.

Foi depois para Benavente viver em companhia de seus paes.

É já senhor de uma soffrivel fortuna. Advoga, mais para entreter o espirito, do que por necessidade.

Em 1877 foi eleito vereador municipal, e nomeado presidente da camara. Começa ahi a sua vida de homem e a sua carreira de republicano.

Quando a camara municipal de Benavente quiz desanojar as pessoas reaes pelo fallecimento de Victor Manuel em 1878, Anselmo Xavier oppoz-se; mas, vencido, cedeu o logar da presidencia ao vice-presidente e sahio da sala das sessões para que o seu nome não figurasse na mensagem de pesames. Era a affirmação mais cathogorica, mais independente, mais nobre das suas ideias republicanas, baseadas em uma convicção profunda e sustentadas por um caracter independente e por uma vontade indomavel!

Desde esse dia entrava no partido republicano portuguez, para occupar um logar distinctissimo, que de direito lhe compete.

Pode o povo hoje contar com o republicano Xavier, como d'antes nós contavamos com o condiscipulo Anselmo.

Fizera-se a revelação publica d'aquelle caracter austero, que nós conheciamos de perto.

E que outra prova mais evidente poderia eu apresentar da sua sinceridade do que a intransigencia nos seus actos com respeito ás pessoas que representam um principio que elle combatte?

Intransigencia com o monarcha! eis a affirmação do verdadeiro republicano! Pode transigir-se com todas as pessoas para o fim de directa ou indirectamente se conseguir a victoria das nossas ideias, mas nunca com a

pessoa, que é a encarnação do principio condemnado!

Mas não é esse o unico acto que affirma o republicanismo de Xavier. A attitude que elle tomou na celebre questão do tratado de Lourenço Marques confirma os seus sentimentos de sincero republicano, de verdadeiro patriota. Foi elle um d'aquelles que muito concorreram para a celebração dos grandes comicios contra o tratado, comicios, que são um facto dos mais notaveis da nossa historia temporanea. Todas as contrariedades, que foram muitas, não desanimaram Xavier, que poz toda a sua energia na realisação dos memoraveis comicios onde os republicanos protestaram heroicamente contra um tratado, que desapaosaria Portugal d'um dos seus territorios africanos, para o ceder á Inglaterra, a aliada da coroa portugueza!

Escreveu, orou, protestou contra aquella infamia e fez parte da commissão, que ao parlamento foi entregar a representação approvada nas assembleias populares. O seu nome está vinculado a um dos movimentos de maior patriotismo, que se tem feito em Portugal.

Como escriptor estrejou-se no *Diario da Tarde*, do Porto.

Tem escripto em diversos jornaes, com o seu nome e com pseudonymo.

Quiz ser poeta e foi-o. No *Diario da Manhã* publicou ainda não ha dois annos um folhetim em optimos alexandrinos. Em todas as suas produções é sempre consciencioso, porque é um espirito illustrado e um caracter serio. Os leitores conhecem-no sobejamente do *Seculo*. O *Seculo* é uma das suas melhores obras.

Xavier é um dos fundadores e proprietarios d'esse jornal de que tambem é redactor. Um seu artigo intitulado a *Orgia* foi querellado, pelo que o auctor, que não quiz declinar a responsabilidade do que tinha escripto, foi prezo na estação do caminho de ferro do norte, depois de ter já prestado fiança!

É de notar que os tres companheiros da casa do largo de S. João, se juntassem de novo e fundassem um jornal, que o publico favorece com o seu applauso.

Anselmo Xavier é presidente da assembleia geral do Centro Republicano de Lisboa. Nas ultimas eleições geraes de deputados alguns centros da capital offereceram-lhe a candidatura pelo circulo 97 (Lisboa), honra que elle declinou.

Na freguezia do Castello fundou-se um club republicano, que tomou por

titulo o nome d'este desinteressado patriota em attenção aos seus serviços á causa do povo.

Em assembleia geral de 25 de outubro ultimo foi eleito presidente honorario do mesmo club.

O partido republicano portuguez deve ver em Anselmo Xavier um dos seus mais austeros luctadores.

Elle prometteu que não desampararia a lucta. Pois podem cre-lo. O seu passado garante o seu futuro.

Anselmo Xavier é uma vontade de ferro, dissemos nós, Anselmo Xavier é e será sempre um republicano invencivel.

TRIGUEIROS DE MARTEL.

RESPOSTA A UM CATHOLICO

Não quero convencer-te... O fanatismo é cego
E não pôde sair d'esse profundo rego
Que a negra Theologia abriu por toda a terra
Para semear o erro e cultivar a guerra.

Tu dizes que eu falseio as leis todas da historia,
Que calumnio heres, que lies sophismo a gloria,
Que o velho Babelais — o grande athleta de ago —
Não passa para ti d'um mau frade devasso,
Que Shakspeare é grande e o Dante colossal,
Que é grande Galileu, que Erasmo é immortal,
Que Colombo e Camões são quasi sobrehumanos,
Porém que todos são... catholicos romanos.

Serão, como será catholico o destino,
A lucta do progresso é a guerra ao divino.
Ao passo que o bem cresce, encurta a divindade,
Pois quando um erro cae levanta-se a verdade,
E a victoria final da civilisação
E' o eliminar da vida — esta grande equação —
O termo «rational» o termo «imaginario».
O termo do «infinito», o termo do «arbitrario».
E' esta a lei geral de toda a sciencia humana
Que já foi só sagrada e que hoje é só profana;
Mostrar em facto a lei que o determina,
Provando que em nenhum existe a acção divina.

Toda a conquista pois no campo da verdade
E' bem uma derrota á propria divindade.

Muitas vezes porém dá-se este estranho caso:
O luctador que mais correeja pelo Acaso,
O que maior parcella arranca ao Invisivel,
E' esse que mais cre no monstro Inconoscivel!
Newton, que expulsa Deus p'ra fora do Universo,
Fica á palavra Deus em extasis submerso!
Lutero, que emancipa o mundo d'Espado,
Acredita na graça e é um illuminado!
Rousseau é um velho crente e Voltaire um deista,
Darwin é protestante e o Comte foi papista!

Isso porém que prova?

Isso prova sómente
Que o homem, como força, é força inconsciente.
Lançado para o crime, ou impellido á gloria
Descreve fatalmente a sua trajectoria,
Obedecendo ás leis do impulso e da attracção,
Como a bala que sae da bocca d'um canhão.
Se o impulso é vigoroso atinge d'alto a meta,
Mas nunca chega lá marchando em linha recta.

E' isto o que nos diz a mais terrivel sciencia.
Não ha heres nenhum que tenha a consciencia
Do seu papel na historia. Os martyres do ideal,
Os athletas do bem, os Hercules do mal,
Adoram muita vez o proprio mal que aggridem,
E não avançam sempre e nem sempre progredem,
Hesitam no caminho, esmorecem na lucta,
E annulla-os muitas vezes... um cope de cieuta,
Um carcere, o desterro, a calunnia, ou a fome!

E então ha sempre quem lhes enxovalhe o nome...
— Um padre a orar latin a Prondion moribundo... —
Depois piedosamente espalha-se no mundo
Que o luctador voltou enfim o rosto á fé,
Como se no estertor alguém se erga de pé
Para gritar bem alto: «Arreda, vendições!»
Eu, para apodrecer, dispenso as orações;
E, para comprehender os dogmas da Justitia,
Dispenso o latin baixo e barbaro da missa.
Eu, para solettrar no livro das estrellas,
Não abro sobre mim os pallios e as umbellas;
E, para erguer a fronte ao espaço infinito,
Não preciso de pôr nos hombros um anelto.
Eu, para me curvar ás grandes leis moraes,
Escuso de beijar de rastos os frontaes,

E, se adoro o dever, e se adoro o civismo,
 Não é por ter banhado o corpo no baptismo,
 Mas sim por ter provado o pomo da sciencia,
 Mas sim por ter banhado a minha intelligencia
 No grande mar de luz, na grande agua lustral
 Da verdade e do bem, do amor e do ideal.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A CAMARA ELECTIVA

Uma das fórmias com que a Carta Constitucional entregava á nação a sua proclamada liberdade, foi a representação do povo por meio dos seus delegados n'um parlamento electivo. Nada mais racional e mais justo. É claro que os grandes interesses da patria, as mais elevadas questões não poderiam ser tratadas nas praças publicas por todos os cidadãos reunidos sem ordem, nem criterio. Os que tivessem de executar as deliberações d'estas assembléas haviam muitas vezes de lavar as mãos como Pilatos.

A representação do povo por meio dos seus delegados é, pois, uma das fórmulas mais racionais e democraticas.

Desde que o governo absoluto cedeu o logar ao governo monarchico-constitucional, é claro que o systema do mechanismo politico tinha de ser diverso; assim como o governo republicano tem de edificar as suas leis em harmonia com a somma de liberdades que deve logicamente outorgar a todos os cidadãos.

Na ordem social ha, porém, completa analogia com os phenomenos naturaes. Tudo tem de ser harmonico e racional, pois que d'outra fórmia as idéas não se completam com o ideal phantastico que se apresenta, e mais tarde surgem as aberrações, a desillusão completa do que se revestia com o manto alvissimo da verdade.

A monarchia absoluta alagára a terra com muito sangue, enchera os carceres de muitas victimas: era forçoso buscar uma formula de governo: surgiu a monarchia constitucional. O povo sentiu o clarão da liberdade a illuminar-lhe a frente, julgava-se feliz.

Estavam consignados muitos direitos, mas tudo falso, tudo postigo, tudo ridiculo.

Qual foi a causa das grandes atrocidades que a historia nos apresenta nas suas paginas negras e severas?

Era o povo? Elle, a victima de todos os tempos, o explorado de todas as occasiões?! A causa era a realleza, a corôa collocada sobre a frente de um homem, conquistada só pelo direito brutal da força e transmittida atravez de muitas gerações, cegas e ignorantes. A monarchia cons-

titucional na essencia é pois, a mesma cousa; o rei de hoje é o rei de todos os tempos; uma entidade illogica, sem defesa no campo do direito e da dignidade humana.

Como podem pois ser justas e racionais todas as fórmias que emanam e completam este systema?

Que pôde significar a representação nacional, representação do povo junto da realleza? Ou esta não vale nada e é inutil por consequencia, ou a primeira é uma mentira.

Este facto antinomico havia forçosamente de apparecer: o tempo devia manifestar o erro.

O que é hoje a representação nacional? Uma farça.

Cada governo que sobe ao poder tem uma grande maioria e derrota hoje os que hontem tiveram as palmas do triumpho. Os seus eleitos são seus representantes, mas não do paiz, mas não do povo, cujo voto é suplantado pelos servos da monarchia.

Para que serve uma camara formada por este systema? Por ventura instruem e moralisam as scenas electoraes? Cada eleição é uma fornada de funcionarios publicos, é o meio de se anicharem todos aquelles que, refractarios ao trabalho util, procuram viver do labor dos outros. Acabe-se a representação dos partidos e surja a representação do povo.

Quaes são os elementos de que se servem os governos para alcançarem estas maiorias, compostas em geral de consciencias sem criterio e de cerebros sem idéas, que votam porque lhe mandam votar, mas não porque estudem e porque pensem. Estes elementos devem de ser banidos pelo partido republicano, quando chegar o momento de ser poder; pois elle não precisa d'esses meios, porque a nova representação é a do povo, que trabalha para a conquista dos seus direitos.

Dentro da fórmia monarchica a camara, chamada por irrisão «popular», produz mais desatinos que beneficios; atrophia muitas intelligencias, que poderiam ser notaveis e grandes se as não acorrentassem vaidades e interesses.

Mas este era o desfecho natural d'essa fórmia de governo; tinha de cair desautorizada ante a opinião publica porque era falsa: o governo monarchico constitucional não se podia aceitar senão como uma fórmia transitoria. Durou mais do que devia, por que áquella geração de gigantes que a implantou succedeu outra desorientada e sem criterio, e quem soffre estes erros politicos é o povo que trabalha e vive na miseria.

As façções politicas dentro da es-

phera monarchica não representam as idéas de grandes reformas, não são o debate de levantados pensamentos, significam apenas a ambição do poder; a politica é uma exploração, é o meio de se conquistar um emprego, de se viver vida larga e folgada sem trabalho e no remanso da paz.

As localidades não tem independencia; são esmagadas pelas ordens emanadas do poder central; é-lhes imposto um candidato, que nada tem de agradecer aos que o elegeram, o seu fim não é servir a patria em geral e os interesses locais que deveria representar; a sua missão é obedecer, com a esperanza de conquistar por esta fórmia uma posição social. Ter, emfim representação, gozar das boas graças dos deuses.

Uma camara constituída por esta fórmia pôde ser tudo que quizerem, menos a representação do povo.

COSTA GOODOLPHIM.

PADRES E REIS

Quando Deos poz Adão no Paraizo
 E fez d'uma costella a companheira,
 Crendo nós a escriptura verdadeira,
 Fallou de modo energico e precizo:

Não comam, tomae tento n'este avizo,
 O fructo prohibido da maceira,
 Se querem, sem trabalho, e sem canceira,
 Gozar delicias mil, que precizoiz.

A vós, vossa familia, á raça humana,
 Darei pena severa, deshumana
 Se acaso transgredirem minhas leis!

Mas, Eva, o esposo induz ao vil peccado
 E Deos, injustamente provocado,
 Creou, praga infernal, padres e reis.

ANSELMO XAVIER.

CHRONICA

N'esta quinzena a monarchia mostrou-se digna de si e do paiz que a tolera. Em primeiro logar a monarchia, que tanto e tão a peito tem fomentado a ignorancia e a miseria n'este malfadado paiz, provou o que era e o que podia, com a pretensão stulta e criminosa de querer impôr á nação um tratado, que tinha por fim immediato reduzir á fome a classe operaria, cerecendo-lhe o trabalho e estancando de uma vez para sempre todas as fontes de riqueza publica.

Mas o governo regenerador tem a balda dos tratados. O anno passado pretendeu ceder gratuitamente as nossas colonias ao estrangeiro; este anno para que se não dissesse que

não fazia alguma cousa, pretendia tirar o pão a VINTE E CINCO MIL OPERÁRIOS, unicamente para satisfazer os seus caprichos e a sua ineptia.

Ai! que se o povo conhecesse a sua força...

E enquanto o governo não paga aos professores de instrução primaria; enquanto as escolas se fecham e a industria está ameaçada de desaparecer, enquanto os deputados nos dão o triste espectáculo da desordem, no seio do parlamento, e do facciosismo mais desbragado, os republicanos vão inaugurando as suas bibliothecas, e publicando os seus livros e os seus jornaes.

Bem hajam elles!

Na Rua da Fé realisou-se no dia 2 do corrente a inauguração de um centro e a collocação do retrato do nosso mallogrado correligionario José Guilherme dos Santos Lima.

Santos Lima era um republicano lealissimo, modesto, trabalhador, sincero, bom e dedicado. A democracia portugueza prestou-lhe um preito merecido. Nunca é demais que se comemorem os nomes d'estes apóstolos benemeritos e d'estes evangelisadores respeitabilissimos. São estes os santos do nosso calendario, assim como as datas revolucionarias são as datas da humanidade.

Com tal acontecimento deu o *Club Eleitoral Democratico* uma prova brilhantissima do que é e do que virá a ser no futuro.

A *Galeria Republicana* associa-se fervorosamente á elevada homenagem prestada n'aquelle centro a um dos mais dignos cooperadores para a republica em Portugal.

Uma vez que fallamos em cooperação é justo que recordemos um facto muito digno de ser recordado. Um operario honestissimo luctava com a falta de trabalho, tendo sete filhos a sustentar. Os republicanos reuniram-se e promoveram um sarau cujo producto devia reverter a favor d'elle e da sua familia.

Responderam assim os republicanos por este facto e hão de responder sempre por muitos e multiplicados factos aos que muitas vezes, por má fé ou leviandade, os accusam, de não serem solidarios nas suas aspirações, nos seus interesses, no seu ideal querido.

Somos assim. Havemos de selo sempre, embora o não queiram acreditar os nossos calumniadores: — *Um por todos e todos por um.*

Agora, leitor-amigo, uma pergunta: já foste á revista do *Principe Real*? E á *Rua dos Condes*? Para quando tencionas então addiar os applausos aos nossos confrades Baptista Machado e Argus?

«Vá! É não perder tempo que o mundo é para quem caminha e avança.»

E até á quinzena, meu amigo.

Silvio.

O GRANDE HOMEM DA MONARCHIA

Docemente reclinado sobre os damascos do throno, taes cousas diz ao seu dono que o traz sempre allucinado.

É todo elle um primor; a luz lhe brota da testa, mostra uma cara de festa e um garbo de grã senhor.

E em phrases arrebatadas á sua eloquencia rica, os beneficios explica das reformas implantadas.

*

«Do nosso ridente Minho um só jardim está feito, para constante proveito d'aquelle santo povinho.»

«E da provincia do Douro vasto emporio eu fizera se a maldicta filoxera não roesse o fructo d'ouro!»

«Mas, Senhor! como não temos tempo d'estudar o damno, vamos assim este anno, e para o outro... veremos!»

*

«Pelo vosso reino espalho as fontes da nova sciencia; mas, apegado á indolencia o povo não quer trabalho.»

«Por isso vamos achar tantas minas registradas e que por falta d'estradas não se podem explorar.»

«E a natureza reparte por este solo os carinhos... exceptuando os maninhos que occupam a terça parte!»

*

«Vão do nosso litoral vistosas embarcações que voltam com produções do commercio colonial.»

«Milhares de pescadores entre festivos cantares lançam as redes aos mares onde elles só são senhores»

«E quando o inverno apparece em continua tempestade... o *Anjo da Caridade* tambem sobre o povo desce!»

*

«Sigo sempre o mesmo trilho, e o que mais acho de novo é o progresso do povo, do que eu me maravilho.»

«Pois, fallo do coração, quando concedo uma escola mais o faço por esmola do que por obrigação.»

*

«Sinto, em fim, um nobre orgulho ao ver estas cousas todas montadas em quatro rodas que eu faço andar sem barulho.»

«E tenho a firme certeza que ninguem morre de fome onde tanta gente come migalhas da vossa meza!»

*

«Assim os nossos cuidados este bem estar derramam... (e bem alto que o proclamam os jornaes subvencionados!»

«Mas é por vosso querer que a Nação toda administro, e como humilde ministro só cumprio com um dever!»

.....

*

«Sim, disse el-rei; cada dia a minha nação progressa... és a unica cabeça que hoje tem a monarchia.»

«Por isso guardo condados e outras cousas que não digo para ti, meu bom amigo, e para os teus afilhados!»

MAGDALENA.

EXPEDIENTE

Condições da assignatura

LISBOA

Trimestre ou 6 numeros..... 240
Semestre ou 12 numeros..... 480

PROVINCIAS E ILHAS

Semestre ou 12 numeros..... 500
Anno ou 24 numeros..... 1500

PARA O ESTRANGEIRO

Accresce o porte do correio

BRAZIL

Anno ou 24 numeros, moeda forte. 25400
Avulso 50 réis, e 15 dias depois da publicação 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o qual não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da GALERIA REPUBLICANA, João José Baptista, kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa.

No proximo numero damos o retrato de Victor Hugo.